

ENSAIO

O INVISÍVEL

A

OLHOS VISTOS

“The Invisible Made Visible”

Alexandre Fávero*
clube@clubedasombra.com.br
www.clubedasombra.com.br

RESUMO: Alexandre Fávero, encenador e sombrista da Cia. Teatro Lumbra, de Porto Alegre (RS), discorre, de maneira poética, sobre o ofício de mesclar luz e sombras

Palavras-chave: Cia. Teatro Lumbra; Teatro de Sombras; Teatro Gaúcho.

ABSTRACT: Alexandre Fávero, director and shadow player at Cia. Teatro Lumbra, from Porto Alegre, Rio Grande do Sul State, Brazil, discourses poetically on the craft of mixing light and shadows.

Keywords: Cia. Teatro Lumbra; Shadow Theatre; Rio Grande do Sul State theatre.

Aprendi vendo, experimentando, errando, refazendo, acertando e ensinando. Tive algumas dicas de amigos, li alguns livros, fiz alguns cursos, mas, sem sombra de dúvida, foi vendo e vivendo o visto que aprendi o complexo e, por mais simples que pareça, é isso que tem nexos. Por conta disso, falo aqui do que vi e vivi. No talo, um pouco de mais e talvez, e, lá no fundo, nada de menos.

Pelo visto, nosso Brasil, tão grande e variado, sempre guarda algum mistério ainda desaparecido, que deseja ser apreciado. Um lugar de aprendizado que me agrada desde sempre, pois nada me falta aos olhos e sempre me grita sem falha aos ouvidos. É assim desde criança, que desdenhava e desenhava. Jovem, que acampava imagens de sonhos na câmara dos olhos. Adulto, que tudo isso juntava, tratando de dar conta da vida que viu e que ainda muito me conta.

Quando me peguei, cá estava, no teatro, como amador, e, o amor sendo sério, destinado ao desatino está o amante, no seu primeiro ato. Desde aí, fui nutrindo esse amor. Pisando, cagando e andando corações. Praticando sob a sombra dos experientes, pra entender como as coisas eram reticentes. Foram dias de: - Viu? E eu não vi. Fui atentando mais, vendo, convivendo e, numa dessas, convidado para desfiar uns desafios. - E agora, viu? Sim. Fui eu quem teceu os fios e quem

fez o sem fim.

Depois disso apreendido, meio perdido, escolhi alguns riscos mais fortes, do tamanho dos meus dotes, e umas cores poucas, do volume do meu desejo. Atendi os chamados e fui servindo monstros e deuses mal amados. Duendes e gnomos. Bruxas e trouxas. Me aceitaram nas rodas, panelas, filas, até que brindei com divas e plebeus o churrasco das sobras. Depois, desci as escadas de joelhos, para o carrasco não me acertar. Fabriquei cordas para ajudar os escravos a fugirem. Vi o ferro marcar o couro. Ouvi o baque do murro na pedra. Tirei ouro da terra. Sobrevivi e fui andando, dando passadas cada vez mais tortas.

Noutro dia, percorrendo caminhos mais acidentados, me envolvi, me desgarei e, sozinho, não encontrei a galinha morta. Entendi o medo de não ser entendido. Então, tomei gosto pelo perigo do imprevisível e, numa dessas quebradas remendadas do invisível, navegando como Cenógrafo, encontrei um escafandro. Mergulhei com bichos endiabrados, o próprio diabo e com um cardume de bonequeiros. Mundo pequeno de desordeiros. Inferno de habitantes espertos, olhos brilhantes, curiosidade à flor da pele, cabeça oca, muito conhecimento na mala e olhada no horizonte.

Pelas beiradas, me aproximei de uns tantos,

vivenciamos coisas aos montes, desisti de muitos, aprendi com poucos e agradeço a todos os santos. Noutra dessas, entre serras e colinas, cana e erva mate, conheci técnicos e técnicas que nem os olhos e nem a fama tinha visto. Assisti um Teatro feito de sombras e conheci seres invisíveis.

Depois disso, com os olhos marejados, numa curva pra outro lado, fui convocado pra imaginar imagens. Apago a luz pela primeira vez. Tudo no escuro. De canto de olho, as coisas todas se agigantaram, sopradas pela luz, aos olhos de todos os cantos. Então escutei, brinquei, estudei, aprendi, imaginei, apresentei e me diverti.

Em uma ocasião, eu menti. Foi quando acreditaram e eu senti que gostaram. Desde então, fiz disso um ofício: sombratizar o que vejo, sinto e imagino, para ressignificar o que eu acredito. Como uma grande angular.

Resignado, fui acompanhando a resina que demora a coagular. Nesse tempo de paciência e paciente, meus olhos castanhos nunca mudaram de cor, mas a forma de ver variou por conta do que vi, agora vejo e ainda não sou. E aumentaram os curiosos sobre aquilo que oculto ou faço ver. Do que imagino e crio para outros olhos verem.

Desde então, essa é a arte que desfaço. Coisa que começa em um olho e termina em

outro. Artifício que ainda não entendo direito nem esquerdo, mas que parece ser algo que foi vislumbrado como uma imagem e a memória guardou para um quase sempre. Um sempre que não mente e vai se apagando em lembranças. Que a imaginação torna a riscar como imagem. De um jeito ou de outro vai sendo desenhada pelo tempo da linha que se espicha sobre um relevo. Conforme anda, a linha louca encontra uma ponta com a outra. Desse contato se fecha uma figura, que comporta o desenho e a escultura. Removendo com um talho e retirado o desnecessário, sobra um corpo, com a forma e os furos que a configuram. Dessa peça, que se despediu dos pedaços de fora do contorno, vemos a memória da virgem imagem. Aquela! Que se apagava em lembranças e agora ressuscita, recortada em fina estátua, que aceita se arriscar na aventura não vivida, não vista, não rimada.

Torno a apagar a luz que sai dos olhos. No escuro, a matéria espera o silêncio se apresentar. Lhufas. Os ouvidos a verem e os olhos a escutarem. Acendo o que faz ver. Como se fosse o próprio brilho roubado do último olhar. A luz viaja em um tempo que só a imaginação mede. Sem medo, a velocidade à toda e o tempo anda mais devagar, revelando a borda da figura recortada, como se a luz e o olhar riscassem juntos o seu trono entorno do contorno.

Suavemente, o claro e o escuro se acalmam. Seus desejos descansam em um lençol. Um pano no espaço para os amantes se tocarem. Território de sussurros e segredos expostos. Um lado e outro. Um ao lado do outro. Contrastes cortantes. Clímax da incerteza, comprimidos sob o peso da expectativa alheia, agitam-se, em pele, os fótons da beleza. O que é lembrança decompõe-se em sonhos. A ilusão demuda-se em pesadelo.

Não há mais silêncio visível, nem som que não se veja, nem tempo que se perceba, nem espaço que se conceba. Tudo é coisa sensorial, que não se deixa entender pela razão. O fora fica esquecido e sobra sombra que cresce, calma e firme. Um vagalhão se forma estufando um tudo que envolve todos. Olhos vertendo penumbras em pupilas esgarçadas. Mundo que espuma o imaginado. Imagem marginal que se deita em um caldeirão negro. Abraçados em um redemoinho de reflexos, os olhos, que agora são almas, imaginando juntos, os grãos de vida que ainda não foram vistos.

* ALEXANDRE GINDRI FÁVERO nasceu em Santiago/RS. É cenógrafo, diretor, encenador, ator, sombrista, diretor de arte, produtor, aderecista e bonequeiro. Fundador da Companhia Teatro Lumbra de Animação, do Clube da Sombra Criações e Produções Artísticas Ltda. e da Carta Zero Produtora de Arte. Foi premiado reiteradas vezes em diversos festivais de teatro nacionais e internacionais, em praticamente todas as áreas em que atua. Trabalha também no âmbito da televisão, tendo prestado serviços para emissoras como a TV Globo, a RBS TV, o Canal Futura e a TVCom. No cinema, criou cenas e participou como sombrista do longa-metragem “Cerro do Jarau”, vencedor do prêmio de melhor direção de arte no IX Cine PE/2005. Dirige o portal dinâmico da arte do teatro de sombras, no endereço www.clubedasombra.com.br, onde é editor do informativo eletrônico Sombrazine e de artigos sobre a estética da arte.